

BICENTENARIO DO SERRO

DISCURSO PROFERIDO PELO DEPUTADO DR. NELSON DE SENNA, NO PAÇO MUNICIPAL DA CIDADE, COMO ORADOR OFFICIAL DA SOLEMNE COMEMORAÇÃO DA PASSAGEM DO BICENTENARIO DO SERRO A 20 DE JANEIRO DE 1914.

« Exmos. srs. arcebispo D. Joaquim e dignos representantes dos governos do Estado e do Municipio.

Minhas senhoras e meus senhores.

Meus caros conterraneos.

A um notavel historiador mineiro, o sr. Diogo de Vasconcellos, quando, em solemnidade igual a esta, na velha e nobre cidade de Marianna, teve de alli proferir o discurso inaugural do bi-centenario, em 1911, poderia eu tomar, quasi literalmente, as suas palavras iniciaes. Devo, senhores, ao facto de ser filho dentre vós a honra insigne de figurar como orador official nesta grandiosa celebração da vida duas vezes secular do nosso glorioso municipio do Serro.

Quizestes, meus caros conterraneos, buscar na pessoa obscura do orador, aquelle que, desde a primeira alvorada do espirito, no mundo intellectual, se entregou á esta terra seu berço as primicias de escriptor, publicando aos 18 annos de idade o seu primeiro livro, consagrado á descripção desta cidade e de seu municipio.

Não posso atinar com outros motivos plausiveis a escolha de minha apagada individualidade, para aqui entoar hoje, comvosco, em voz commovida, *Carmen Seculare* da villa do Principe de hontem, da cidade do Serro de hoje.

Possuindo, felizmente, tantos outros filhos illustes, que com justa ufanía nossa ora fulguram no scenario politico, literario e scisntifico do Brasil: — um jurista qual Pedro Lessa, um estadista qual Sabino Barroso, um professor qual Edmundo Lins, um prelado qual D. Epaminondas, um magistrado qual Carlos Ottoni, um orador qual Aurelio Pires, um romanista qual Leopoldo Pereira, um poeta qual Adolpho Araujo, — para não citar sinão um pugillo da grande legião de serranos vivos, que enaltecem e fazem ditosa a fama desta terra, por todos os angulos da patria; eu sómente posso explicar, a vossa reiteirada e honrosissima insistencia para vir comvosco commemorar este dia faustoso, pela razão de um delicado sentimento ou pelo motivo da mais carinhosa generosidade.

Des-jastes premiar o moço serrano, exilado pelas contingencias da vida, desde tenra infancia, do torrão estremecido, fazendo-o vir oscular os muros da cidade bem amada, nesta data magna, a que a nossa actual geração não será dada a ventura de vê-la siquer repotida...

Ordenastes, e eu aqui vim, obdiente ao vosso convite, quando convenci-lo de que a excusa daria ao, talvez, a ser interpretada como desculpa do máu filho que não quer de novo roer a casa paterna, onde sempre as recordações abalam o coração menos inclinado á ternura e á saudade! E cá estou convosco, serranos, para no meio de vós relembrarmos juntos alguns dos episodios mais em relevo nos annos bi-seculares desta cidade montanhosa, que tem um ossuario de martyres da Democracia e de campanhas indomitas pela Liberdade, nos longos decennios da sua historia — e a naltada aqui de lances épicos, ensanguentada alli de façanhas cruentas, no «cyclo do ouro e das bandeiras», rebrilhante acolá com as lições do civismo, que destas serranias progrediu para o espirito liberal de Theophilo Ottoni, cujo berço aqui foi, naquella legendaria «Casa dos Ottoni», que ora perpetua o nome da benemerita familia serrana num templo consagrado á educação da infancia desvalida alli na baixada humida do poético Mattosinhos...

Desçamos meus senhores ao passado da nossa terra; antes, porém, esculamos uma pagina primorosa de um recente livro, preparando o nosso espirito para esse grata peregrinação aos tempos idos do Ilivituruhy.

«O passado tem um grande encanto para quem tem a sensação da historia. Vale a pena descer ás suas camadas subterraneas onde ás vezes só se vive e conversa com os mortos. Raramente estamos satisfeitos do presente, em que as aspirações de cada dia quasi sempre nos ge'am dissabor. O futuro é incerto e envolve nos seus mysterios o imprevisto, que pôde ser de desillusões. Só o passado pôde dar-nos horas inteiras de conforto e de calma, pois quando nos voltamos para elle é em busca de cousas, que ainda tristes, são as que mais sóem despertar quanto ha de sympathia em nosso ser.

Foi talvez desse fundo da alma humana que a nossa lingua tirou a doce poesia da saudade».

(Tobias Monteiro, na introdução do seu recente livro *Pesquisas e depoimentos para a nossa historia*).

Sejam agora todas as nossas alegrias para esta ephemeride memoravel, que vai registrar, no magno calendario civico de Minas, o modo porque os serranos festejaram o dia em que completou o largo cyclo de 200 annos de vida municipal esta veneravel communa, a primeira que nestas paragens se levantou, com os fóros e privilegios dos velhos Senados das Camaras coloniaes.

Sejam as nossas palavras, antes de tudo, evocadoras desses benemeritos e destemerosos «batedores do deserto», desses pioneiros do sertão

mineiro, que romperam e desbravaram estes «payos» e «geraes», as chapadas e os planaltos, os valles e as florestas, os campos e cerrados da nossa terra, desde os fins do seculo decimo setimo. Consignemos, senhores, que o nosso Itambé alteroso, «serra do tamanho de uma legua», já como tal se mencionava na afamada expedição de Sebastião Tourinho (1573), no 1.º seculo da descoberta do Brasil; estabeleçamos como facto indubitavel que a heroica jornada de Fernão Dias, o «caçador de esmeraldas», na conhecida expressão de *Olavo Bilac*, teve como um dos pontos do seu itinerario, em 1681, esse mesmo macisso do Itambé, que o intrepido e velho bandeirante transpoz com a sua «bandeira» em busca das paragens das sonhadas «pedras verdes»...

O «sertão das esmeraldas» continuava a escaldar a imaginação dos valentes paulistas; e, como consequencia da grande expedição do coronel Antonio Soares Ferreira... (1701), companheiros seus perlustraram o roteiro de Fernão Dias e—si não encontraram as encantadas gemmas, causa de tanto padecer—vieram aqui achar indicios do fulgente metal precioso, que faiscava nos fundos dos *carumbés* e pratos de estanho dos sertanistas Manoel Correia e Antonio Correia, sobrinhos daquelle Arzão fumoso, cuja «bandeira» já havia devassado grande faixa do leste de Minas, pelas bandas do sertão do Casca...

Os irmãos Correia Arzão, associados a Balthazar Leme, a Lourenço Carlos e a Gaspar Soares, e depois delles—Lucas de Azevedo, Bartholomeu Bueno de Siqueira, Jeronymo Arzão, Pedro de Miranda... foram, portanto, meus senhores, os legitimos descobridores desta região do Serro Frio, por elles descortinada, com ingentes sacrificios em lucta com o gentio e com as feras; e a partir de 1703 estavam já entre esses ousadas paulistanos repartidas as «dutas» e as lavras do aurifero *Ibitirui*, conforme a pronuncia e graphia primeira dadas ao vocabulo tupy, por que era conhecida esta zona das Minas, na bocca do aborigene.

Estes foram, senhores, os patriarchas da nossa terra e do primeiro agrupamento humano, no Serro Frio, os quaes aqui lançaram, em 1703, os alicerces sociaes da futura cidade de 1838 e que—simplex arraial de bandeirantes e exploradores de ouro e caçadores de indios ao findar do seculo decimo setimo tanto cresceu e prosperou, ao ponto de merecer logo depois em 1714 o predicamento de villa e sede de municipio, no vasto e então escassamento povoado «paiz das Minas».

Pena foi que os serranos eleitos das Musas, alguns delles poetas mavisos de um suave lyrismo—quaes foram José Eloy Ottoni ou José Paulo Dias Jorge, Lucindo Filho ou Kubitschek, João Solomé, ou Antonio Augusto de Queiroga, Aureliano Lessa ou Pedro Fernandes ou Josephino Pires ou Bernardino de Queiroz ou Gabriel Silva ou Octavio Lopes—não houvessem decantado essas figuras legendarias dos primeiros povoadores, fundido no bronze lapidar do verso os perfis energicos desses caminheiros do sertão agreste e bravo e narrando-lhes a odyssea maravilhosa das Jornadas, em busca do vellocino enterrado no fundo das areias dos nossos rios ou encravados no flão das rochas de nossas montanhas. Maior pena

causa, srs. que um artista nosso, do valor de Belmiro de Almeida, não haja ainda delineado em painéis historicos os perfis desses vultos e os episodios mais notaveis do Serro de outr'ora.

Ruy Barbosa, nome a que é ocioso ajuntar qualificativos, tão grande é elle, na sua simples enunciação deante de corebros que raciocinam num auditorio de compatriotas: Ruy Barbosa, em discurso proferido, em 1897, exaltando as virtudes do povo brasileiro, em geral, disse:

O povo ama a paz e a familia, a segurança e a liberdade, a intelligencia e a justiça. O povo é o amigo fiel dos que discutem e produzem a luz, dos que pugnam pela humildade dos fracos, dos que arrostam a soberba dos prepotentes. O povo vive de persuasão e esperança, benignidade e trabalho.

Esse, serranos, poderia ser o vosso mesmo e directo louvor e apologia.

Sois um povo de fortes, mantendo a dois seculos vossos lares e as vossas tradições de paz e autonomia, sem estardalhaços nem optimismos.

Creados nestas terras de campos e mattas, onde a natureza sabia repartiu pelas montanhas do Espinhaço as vertentes das jazidas de diamantes e do ouro, as campinas do gado e a gléba fértil da lavoura dos bosques umbrosos da baixada e os carraçoes do pedregulho na Serrania; vós tendes as virtudes e qualidades, os defeitos e falhas, que o *habitat* fez apparecer, no solo da massa heterogenea de garimpeiros e fiscoadores, de aventureiros e sertanistas, de bandeirantes e reinões, de mamelucos e africanos, de portuguezes e paulistas, que nas longes éras da descoberta e povoamento do *Hivituruhy*, foram caldeando pelas gerações antepassadas a sub-raça das Minas Geraes. No ardor combativo, na pertinacia do trabalho, na sobriedade do viver, no desconfiado retrahimento do montanhês pelas novidades e vultos estranhos ao seu *clan*, ao seu meio; na final denominação da terra, infestada de indios e de penhascos souberam os nossos ancestraes vencer e triumphar, formando talvez, o mais vasto municipio, seguramente, a mais dilatada das comarcas de Minas, em tempos idos, quando, sob a jurisdicção dos ouvidores da Villa do Principe, eram regidos os povos das bacias dos rios Jequitinhonha, Mucury, Doce e parte do S. Francisco, com os valles tributarios do Arassuahy, do Fanado, do Itambacury, do Guanhões, do Peixe, do Santo Antonio, dos Correntes, do S. Jassuhy, do Guricuhy, etc., todos correndo suas aguas dentro do territorio amplissimo então sujeito ás justiças do Serro Frio.

E aqui, senhores, começou, em 1714, a nossa educação liberal, aqui, por estes outeiros e veigas, onde as primeiras bateiadas do metal fulvo e cobreado forneceram á preta Jacinthu de Siqueira a quantidade d'ouro, que deu o nome historico ao ribeiro dos «Quatro Vintens», cuja mansa corrente desliza ao sopé da nossa cidade; aqui nestes alcantados serros, «combatidos de frigidissimos ventos, penhascos os e intractaveis», consoantes a expressiva pintura physica que da nossa região deu o dr. Claudio Ma

noel, no fundamento do poema «Villa Rica», aqui o nosso povo principiou a fazer o seu aprendizado civico, desde quando, em 1715, elegeu a vereança e officiaes da sua primeira municipalidade.

Relembremos os nomes memoraveis desses que foram os primeiros juizes do povo: Geraldo Domingues e Jeronymo Pereira da Fonseca, dos primeiros vereadores Antonio de Moura Coutinho, Luiz Lopes de Carvalho e Antonio Sardinha de Castro, todos sob a presidencia do 1.º procurador deste Conselho, Manoel Mendes Fagundes; honra a elles que, na sua posse, prestaram o mais altivo preito de homenagem, nas mãos do ouvidor Luiz Botelho de Queiroz, quando este delegado regio aqui veiu para installar a então Villa do Principe e dar posse legal, em nome d'El-Rei D. João V, as primeiras auctoridades do povo.

Gratos ao capitão-general Dom Braz Balthazar da Silveira, que, pela Provisão de 29 de janeiro de 1714, elevára o primitivo «Arraial das Lavras Velhas de Hivituruhy» ás honras de cabeça de um novo municipio das Minas Geraes, os povos da zona do Serro Frio, senhores, não dobraram a cerviz perante o alto magistrado colonial e, tão sómente, juraram «trabalhar pelo bem da Republica» e conservar nella a paz e a ordem, porque já previam de certo os nossos avoengos que o verdadeiro regimen communal, numa Republica bem governada, não se pratica nem se conserva sinão pelo culto sincero e permanente da Liberdade.

E' na santidade do lar domestic, na fervorosa e diuturna pratica das virtudes da familia, no constante pelear do trabalho honrado e fecundo em fructos, que as Republicas podem moralizar a sociedade, de que são formadas, conseguindo governos sãos e honestos, para vassallos felizes e respeitadores da lei.

Fóra de taes bases todas as normas sociaes degeneram, todos os regimens politicos naufragam.

E por tal forma assim entenderem os nossos maiores a pratica de um regimen de tolerancia e de liberdade, que, através de todas as vicissitudes politicas por que passou o Brasil, desde aquelles dias gloriosos da formação do Imperio até os annos subsequentes á Maioridade, tendo intermedio o decennio agitadissimo da Regencia, aqui no Serro, sempre se pregou, meus senhores, a doutrina mais elevada em prol dos direitos do homem, em favor das justas idéas avançadas da Democracia.

Desde as columnas minúsculas do *Liberal do Serro*, cuja typographia se deveu á concepção original de um humilde ourives do arraial de Itambé, esse outro Guttemberg norte-mineiro, que foi Geraldo Pacheco de Melló, até ás paginas da *Sintinella do Serro*, dondo vibrou por todo o paiz a ardente palavra democratica do Theophilo Ottoni «o varão justo e forte», desapparecido em 1860, com geral sentimento do Brasil inteiro; uma só idéa predominou, um unico programma se seguiu em nossa terra natal: educar o povo para o goso legitimo de uma liberdade bem conquistada; defender a Patria contra todas as usurpações do poder; e tornar-a forte para resistir a qualquer forma de despotismo.

Abri, senhores, as collecções da nossa imprensa, desde o *Echo do Serro*, impresso no Tijuco, em 1828, e vereis o povo desta região sempre exaltando a Patria e defendendo as mais nobres causas da Justiça e da Liberdade.

Na *Sintinella*, em 1830, como no *Liberal*, em 31, no *Tribuna do Serro*, como no *Noticiador Serrano*, em 1833; e depois no *Boletim da Legalidade*, em 42, o nosso periodismo sempre se agitou pelas causas mais dignas, ainda no momento das incandescentes paixões do partidarismo indigena.

E por honra nossa e vossa, minhas senhoras, nem a mulher serrana foi esquivada ás manifestações de um puro patriotismo; e, sinão, vede essas damas illustres conterraneas daquellas finas e aprimoradas senhoras, de Villa do Principe, que provocaram a mais grata referencia do sabio francez A. de Sain-Hilaire, em seu conhecido livro de *Viagens ao Brasil*, vede-as pela época da «Abdicação de Pedro I», se cotizarem com as suas joias e economias para, numa subscrição certamente elevada para aquelles tempos, offerecerem recurso á Patria Brasileira, afim de que se organizasse a resistencia contra os retrogados, contra os que ambicionavam o entravamento do paiz, sob as cadeias do regimen absoluto.

Continuae, pois, a manter, gentis compatricias, essas mesmas tradições de altivez, que as serranas da «Regencia» vos legaram, e de que falou Theophilo com tamanho desvanecimento na sua celebre *Circular á Provincia de Minas*

E vós moços e cidadãos da minha cidade, não vos esqueçaes nunca de que as mais brilhantes lições e exemplos de civismo vos deixaram conspícuos varões, quaes, para só citar dous, o venerando *Visconde do Serro Frio*, um sobrio conservador e austero patriota, que chegou a presidir o Senado Imperial, nos fins do 2.º reinado; e o benemerito serrano pesquisador erudito da nossa historia, o consagrado jurisconsulto Dr. *Joaquim Felicio dos Santos*, cujo nome é uma gloria commum do Serro e Diamantina as duas cidades vizinhas e amigas, que outr'ora eram ainda hoje vivem irmanadas por identicos laços de origem e pela força mysteriosa da continuidade historica...

Por uma explicavel delicadeza, senhoras e senhores, estaes ao certo fatigados de me ouvir e não quereis dar mostras desse enfado.

E' tempo de concluir este discurso, mesmo porque me temo do implacavel juizo de um satyrico:

«Ha oradores que, depois de muito falar, só conseguem provar que não deviam ter falado.»

Já não quero, porém, mais dizer de mim e do meu profundo e immorredouro agradecimento ás altissimas distincções de que me vindes cercado, ó caros amigos e conterraneos!

Este breve retorno ao torrão natal está me fazendo vir aos lobios um trecho da commovida estancia camoneana:

«Vereis amor da patria, não movido
«De premio vil, mas alto e quasi eterno;
«Que não é premio vil ser conhecido
«Por um pregão do ninho meu paterno.»

Sim senhores! vindo hoje «reclinar na ternura do seio maternal» a cabeça preocupada pelos pensares e tormentos de uma vida de luctas, eu para mim mesmo busquei tambem, neste dia augusto para a nossa velha cidade, uma consolação pessoal:—a de imprimir um beijo alli no limiar da Purificação desse templo onde recebi o baptismo christão, relembRANDO assim nesse osculo de amor á Patria, um outro vivo e grande amor, esse amor que a morte não teve o poder de extinguir e até o fez mais ardente, porque elle tem o fogo que não queima o corpo, mas abraza docemente o coração:—o amor, a saudade, o grito d'alma por essas caricias de Mãe, bem supremo que o infortunio me arrancou!...

Tomo ao já citado e maior dos grandes mestres vivos da nossa lingua este trecho, em que elle desenha, no seu aureo estylo inconfundivel, estados d'alma, situações emotivas eguaes a esta em que a vossa bondade ora me colloca:

«As coroas que a gloria bafeja, embriagam como o succo da vinha; as que o interesse sobredoura, nodóam como o azinhavre no cobre; as que a condescendencia liberaliza, amesquinham como a protecção immereci-la; mas aquellas com que o ingenno desvanecimento da Patria affaga a dedicação obscura dos seus trabalhadores, sabem á sinceridade do primeiro leite da vida e ameigam o coração magoado com a doçura dos beijos que nos perfumam o berço.»

Guardae, Serranos, a memoria deste dia glorioso, e fazei da reunião de hoje, no chão sagrado da cidade natal, o inicio de uma solidariedade mais viva e mais intensamente affectiva, em beneficio do velho Serro, que não póde e não deve inscrever ás portas de seus muros o tremendo verso do Mantuano:

Una salus vitis; nullam sperare salutem.

Verso que outro bardo da nossa lingua assim verteu:

«Para vencidos salvação só uma:
Não esperarem salvação nenhuma.»

Dizei-me, Serranos, se póde e deve perdor os seus foraes de nobreza, o seu estemma glorioso de creadora mental e politica do Norte de Minas, esta cidade que gerou ou fortaleceu a carreira publica de tantos brasileiros eminentes: Sayão Lobato e Furtado de Mendonça, Cruz Machado e Marcos de Araujo, Domingos de Almeida e Pedro Caetano, Edgardo Carlos e Ferreira Rabello?

Dizei-me ainda, Senhores, se pôde descrever do seu futuro, das suas virtudes civicas, do seu destino historico a *Urbs Mater* de filhos da estatura de Christiano Ottoni—o executor da mais arrojada viação ferrea no Brazil? de Gomes Carneiro—o general sem pavor, escravo da Lei e heróe do dever, no cerco da Lapa? de Flavio Farnese—publicista attico que na imprensa do 2.º reinado igualou os maiores dos jornalistas patrios? de Lucindo Filho—o primoroso humanista, que desvendou, no vernaculo, as bellezas sem par da lingua de Virgilio? do Bispo dom João A. dos Santos—cujo preparo philosophico foi tão alto quanto excessiva a sua modestia, elle que, Príncipe da Igreja, foi o defensor apostolico da campanha humanitaria e christã da abolição dos captivos e por tantos titulos, si nascido na Italia, por exemplo, teria talvez subido ao solio pontificio e seguramente merecido a purpura cardinalicia? de Vieira de Andrade—meos senhores, desse puro e santo Doutor Andrade, cuja herma ides inaugurar e que se fez um typo sublime de perfeição humana, procurando no exercicio diuturno da sciencia medica praticar outra arte bem mais difficil—a de mitigar dores d'alma e consolar corações que soffriam?

Dizei-me emfim, patricios meus, se o velho Serro que teve a ventura de ser o berço de João Pinheiro, o maior dos estadistas que Minas Geraes deu á Republica e que foi a rutila esperanza de dias melhores para esta nobre cidade, dizei-me se a nossa terra tem ou não razão de querer viver uma vida nova de movimento e trabalho, para mais digna se tornar na memoria de tão preclaros Serranos?!

Não! Jamais o pregão do desalento faça realidade o triste vaticinio de ser a nossa cidade uma terra vencida e anniquilada.

Urge levantá-la, hasteando bem alto a sua insignia luminosa de *Urbs mater* da civilização no centro e norte do Estado.

E sob o ceu constellado pelo fulgor que as nossas pedrarias e metaes despedem da terra para as alturas do firmamento, a nossa querida cidade viverá pelos seculos em fóra, sob as benções de Deus Todo Poderoso!

Relação dos fasciculos, Revistas, Jornaes e outras publicações & enviadas no Archivo Publico Mineiro, durante o anno de 1913.

Bello Horizonte: Directoria de Hygiene do Estado de Minas, o Anuario Estatistico Demographo-Sanitario dos annos de 1911 e 1912.

Boletim Mensal de E. D. Sanitaria de Bello Horizonte, n.ºs 10, 11 e 12 de 1912, e n.ºs 1 a 10, de 1913.

Da Secretaria do Interior: Projecto do Plano de Viação Geral, organizado pela Commissão Especial da Comara dos Deputados, 1895.

Mensagem dirigida pelo Presidente do Estado, Julio Bueno Brandão, ao Congresso Mineiro em 1913.

Bibliotheca Internacional de Obras Celebres, 24 volumes encadernados.

O Mappa do Rio de S. Francisco e Rio das Velhas.

Impressões do Brazil no Seculo Vinte (grosso volume).

Diccionario pratico Illustrado (grosso volume).

Relatorio do Interior, 1913.

Almanack Guia de Bello Horizonte, 1913.

Revista de Artes e Lettras (Vita).

Tabella de Exportação do anno de 1912, pelo Chefe da 4.ª Secção Co. nelio Rozemberg.

Anuario de Minas, pelo Dr. Nelson de Senna.

Relatorio apresentado ao Ex.º Sr. Dr. Delfim Moreira da Costa Ribeiro, pelo Dr. Zoroastro R. de Alvarenga, director Geral de Hygiene, em 1912.

Relatorio do Chefe de Policia, 1912.

Historias da Terra Mineira, pelo professor Carlos Góes.

Pontes e C.ª, Costumes Mineiros, João Lucio.

Relatorio do Secretario da Agricultura, Ind., Terras, V. e Obras Publicas, Dr. José Gonçalves de Souza, em 1912.

Relatorio da Escola de Aprendizes Artifices de Minas Geraes e da Associação Cooperativa e de Mutualidade, apresentado ao Director Geral da Industria e Commercio, pelo presidente da Associação, director da mesma Escola, referente ao anno de 1912.

Os Annaes da Comara dos Deputados, 2.ª Secção da 6.ª legislatura, no anno de 1912, organizados pela Directoria do Serviço das Sessões.